

## RECENSÕES

**SCHELKLE, Karl Hermann, Teología del Nuevo Testamento. IV. Consumación de la obra creadora y redentora. Comunidades de discípulos e Iglesia. Versão castelhana de Marciano Villanueva do original em alemão publicado pelo Patmos-Verlag, Duesseldorf 1974/1978. — 156 pp., 21,6 X 14,1 cm. Editorial Herder, Barcelona, Espanha, 1978.**

Com este volume o autor conclui a obra em quatro volumes em que trata dos termos, conceitos e temas fundamentais no livros do NT, analisando-os sob o ponto de vista do sentido original e do conteúdo doutrinal e apresentando-os em forma sistemática. Seguindo este método o a. procura abrir um caminho de acesso à teologia sistemática sem negligenciar, porém, a perspectiva histórica do exegeta e os diversos matizes e traços característicos das idéias teológicas do NT. No prólogo do IV vol. se explicita a intenção do a. de recuperar o valor histórico do quérigma que se perdeu na teologia escolástica, razão porque as formulações doutrinárias, tais como se apresentam na neo-escolástica, carecem hoje de força de convicção. Na realização de tal projeto audacioso o a. concentra sua atenção nos temas centrais do quérigma neotestamentário, coletando, a seguir, os conceitos

fundamentais e as palavras-chave que entram na compreensão e extensão de suas propriedades. Se o tratamento dispensado a um ou outro tema parece parcimonioso, devido às limitações de espaço que o conjunto da obra lhe impõe, é plenamente compensado pela indicação de uma bibliografia seleta que acompanha cada capítulo e parágrafo.

O IV vol. é dedicado ao estudo dos temas da escatologia e da eclesiologia. Analisa, na 1ª parte, os conceitos fundamentais tais como o reino de Deus (34-57), fim dos tempos (58-82), morte e vida (83-95), Parusia (96-123), ressurreição dos mortos (124-144), o juízo (145-169), céu e inferno (170-183), nova criação (184-191). Ao analisar estes conceitos o a. segue a ordem cronológica a partir da seqüência histórica dos textos. A 2ª parte é constituída pelo tema da eclesiologia, abrangendo os conceitos sobre comuni-

dade de discípulos e Igreja (220-252), carisma e ministério (253-277), ministérios (278-325), Pedro (325-346), palavra (347-361), sacramentos (362-368), batismo (369-405), a ceia (406-433), Israel e a Igreja (434-479), a Igreja e os povos (480-510).

Em seu conjunto, a 2ª parte contém assuntos mais amplos do que um mero esboço de eclesiologia do NT. Pois a própria situação histórica da Igreja dos primeiros tempos está marcada pelos condicionamentos que exerceram seu impacto na consolidação e expansão do querigma nos ambientes da diáspora e do helenismo. Na

abordagem dos temas verifica-se a intenção do a. de ressaltar aqueles aspectos que contribuem para uma compreensão maior da concepção de Igreja da época de Cristo e do período pós-apostólico. São precisamente esses aspectos que representam o cerne da problemática em discussão no curso da história da Igreja e cuja solução pode afetar o rumo que ela vai tomar no futuro. Esta obra se recomenda vivamente a todos que buscam os fundamentos da doutrina escatológica e eclesiológica da fé cristão.

*Luis Stadelmann* L.S.

FERRER BENIMELI, S.J., José A.: "Masoneria, Iglesia e Ilustración", tomo IV, "La otra cara del conflicto. Conclusiones y Bibliografía", 24 X 17 cm, 832 p., "Fundación Universitaria Española". Madrid (Seminario Cisneros) 1977.

Quando fizemos a recensão desta monumental obra, em nosso nº 20, não havia saído, ainda, este IV tomo. Como informamos, então, toda a obra constitui a Tese de Doutorado, atualizada, e apresentada na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Saragoça, no dia 29 de fevereiro de 1972, sob o título, "Historia de la Masonería española en el siglo XVIII. Relaciones entre la Iglesia Católica y la Masonería". A Comissão Julgadora era integrada

pelos professores Antônio Saltrán, como Decano e Presidente, José Cepeda, da Universidade de Granada, Juan Reglán da Universidade de Valência, Juan Carreas, da Universidade de Saragoça, e Carlos E. Corona, da mesma Universidade, como Diretor e Relator. Obteve, a Tese, a qualificação de "Sobresaliente cum laude y Premio extraordinario de doctorado", correspondente ao curso acadêmico de 1971-72.

Neste IV tomo, o mais volumoso de todos, o autor com sua costumeira competência e erudição, aborda "a outra face do conflito entre a Igreja e a Maçonaria", tira suas conclusões gerais e apresenta farta bibliografia.

Na primeira parte desenvolve os seguintes temas: sentido religioso da Maçonaria, beneficiência maçônica, o clero maçônico do século XVIII e elenco desse clero para concluir com o catálogo das lojas maçônicas.

Em seguida vêm cinco índices de toda a obra: índices de catálogos maçônicos, de apêndices documentais, de ilustrações, onomástico e o geográfico.

A segunda parte, toda ela dedicada à BIBLIOGRAFIA, é a mais extensa, abrangendo cerca de 557 páginas. Começa com um comentário bibliográfico, depois a introdução, panorâmica crítica geral, bibliografias, catálogos, dicionários, enciclopédias, léxicos e fontes impressas.

Na bibliografia geral, os seguintes capítulos: As Origens da Maçonaria. B - História da Maçonaria no séc. XVIII. C - História Geral da Maçonaria. D - Diversos aspectos da antimaçonaria. E - "complô" maçônico-revolucionário, Templários, Rosa-Cruzes, Ocultismo-Alquimia, Inquisição e Maçonaria, Judaísmo e Maçonaria, Jesuítas e maçons e, por fim, Taxil e o satanismo na Maçonaria. E + Confrontação Igreja-Maçonaria:

histórias eclesiásticas, do pontificado e das religiões; moral e Direito canônico; Igreja e Maçonaria: antes de Pio IX, nos pontificados de Pio IX e Leão XIII, depois de Leão XIII; artigos publicados em "La Civiltà Cattolica"; Maçonaria e Catolicismo; Conceito de Deus e religião na Maçonaria; e Diálogo Igreja-Maçonaria. F - Organização interna da Maçonaria. G - Obras várias. H - Revistas maçônicas, Revistas antimaçônicas, addenda, Índice alfabético da bibliografia e, por fim, Índice geral.

Muito interessante é o que diz Benimeli a respeito:

"Uma das coisas que mais chama a atenção ao se pôr em contacto com as obras que se ocupam da Maçonaria, quer se trate de historiadores quer não, é, em geral, a insuficiência de fontes documentais e o uso quase constante das hipóteses como elemento de trabalho. Em alguns casos, costuma-se argüir com a falta de documentos, falta que se pretende preencher à base de narrações históricas mais ou menos tendenciosas, segundo a ideologia do que as subscreve, e que em outros é substituída por toda uma série de teses, que muitas vezes não passam de meras hipóteses. Desta forma o leitor corre o risco de chegar a adquirir a convicção de que é inútil saber o que há, de certo, por detrás do problema implantado, na História, pela Maçonaria. No entan-

to, nada de mais afastado da realidade.

É certo que durante algum tempo uma espécie de "muro da vergonha" separou o historiador especializado da Maçonaria do da chamada História geral. Para os historiadores universitários, a Franco-maçonaria estava cercada de um tabú, de um tipo de proibição que relembra aquele aforisma medieval: "GRAECUM EST, NON LEGITUR". Não obstante, num dado momento esses historiadores não podiam deixar de fazer referências à Maçonaria, em concreto, ao estudar o séc. XVIII; a esta Maçonaria que desconheciam, mas que a tornavam responsável por uma série de sucessos mais ou menos importantes, e com a qual cobriam figuras políticas, e inclusive reis, como justificativa de uma conduta um tanto suspeita.

Quando se chegava ao impasse de uma lacuna histórica, um aparente paradoxo político, uma decisão mais ou menos tenebrosa ou maquiavélica, para não falar do tão usado "complô" maçônico-revolucionário, ou da internacional judaico-maçônico-comunista, recorria-se à Maçonaria como explicação argumentativa de fatos, em muitos casos com uma gênese mais simples e menos secreta. Assim, não é de extranhar que num dado momento da história da Maçonaria, esta tenha sido culpada de não poucos crimes e

de outras tantas revoluções do passado longínquo ou recente.

Diante desta situação, é falso argumentar dizendo que não existe documentação sobre este tema. São muitos os arquivos que a conservam zelosamente. Para captar a riqueza da informação maçônica basta consultar alguns, como o "Archivo Segreto Vaticano", o "Archivo di Stato", de Florença, os "Archives Nationales", de Paris, o "Haus-Hof und Staatsarchiv", de Viena, o "Arquivo Nacional da Torre do Tombo", de Lisboa, o "Archivo General del Palacio", de Madrid, o "Public Record Office", de Londres, o "Staatsarchiv", do Cantão de Berna, os "Archives Diplomatiques" do Ministério de Assuntos Exteriores do Quai d'Orsay, em Paris, o "British Museum", de Londres, etc.etc., para não citar outros mais exclusivamente maçônicos, como o da "United Grand Lodge of England", de Londres, o do "Grand Orient de France", conservado na secção de manuscritos da "Bibliothèque Nationale", de Paris, ou o "Archivo Secreto de la Masonería Española", de Salamanca, e Benimeli continua ainda citando muitos outros arquivos e bibliotecas públicos, bem como arquivos e bibliotecas privados que dispõem de fundos bibliográficos de especial interesse, inclusive os das revistas "La Civiltà Cattolica", de Roma, e "Etudes", de Paris.

Foi, de fato, um trabalho gigantesco de síntese e seleção "para ser útil, hoje em dia, ao investigador e ao erudito interessado por iniciar-se no mundo das sociedades secretas, e, especialmente, do da Maçonaria". E para se ter uma idéia de todo esse enorme esforço, basta dizer que é imensa a literatura maçônica e antimaçônica. Já em 1911 o erudito alemão August Wolfstieg tentara uma recopilação dessa bibliografia, alcançando um total de mais de 50.000 títulos. De então para cá a cifra cresceu consideravelmente e, no entanto, a gente se admira tanto mais porque, em sua imensa maioria, o público continua ignorando a Franco-maçonaria, ou, o que é mais grave, fazendo dela uma imagem estranha quando não absurda, imagem à qual contribui e continua contribuindo uma literatura comercial ou politizada,

mais caricatural do que científica.

Comumente se costuma argumentar dizendo que os que pertencem à Maçonaria não podem dizer tudo o que sabem, e que os que não são membros dela não podem saber tudo a seu respeito. Este duplo obstáculo em grande parte desapareceu, hoje em dia, em que já se superou esse período de dura polêmica com que, durante tantas décadas, os escritores de uma e de outra tendência tudo fizeram para obscurecer a verdade numa intenção pueril de tornar responsáveis de vitórias ou derrotas a outra parte.

Desse imenso e expesso ci-pooal bibliográfico, o erudito autor extraiu apenas 3.451 títulos que catalogou na ordem acima enumerada.

Pe. Valério Alberton, S.J.

FERRER BENIMELI, S.J., José A.: "Bibliografía de la Masonería - Introducción Histórico-Crítica" - 2ª edição corrigida e aumentada. Edição da "Fundación Universitaria Española", 24 X 17 cm, 603 p. Madrid, 1978.

Além das extensa BIBLIOGRAFIA do IV tomo da monumental Tese de Doutorado de Ferrer Benimeli, que abrange a maior parte do volume, 557 p., e que o autor já havia publicado em separata, em 1974, em edição da Universidade Católica Andres Bello, de Caracas, Vene-

zuela, pelo seu Instituto de Investigações Históricas e pelo Departamento de História Contemporânea da Universidade de Saragoça, Espanha, com 387 p., a Fundação Universitária Espanhola houve por bem reeditar esta separata, corrigida e ampliada, acrescentando, Benime-

li, mais 2.555 títulos. Naquela, de fato, eram 3.451 e nesta 6.006, catalogados, também, na ordem enumerada na recensão anterior.

Nesta segunda edição Benimeli adverte: "Hoje em dia se pode afirmar que o tema da Maçonaria saiu, já, na Espanha, do período de obscurantismo, medo e ignorância, que durante tanto tempo o protagonizou. A Maçonaria e suas múltiplas implicações com a história, a política, a religião, a literatura, a música, o teatro, etc.etc., para não falar de outros aspectos mais íntimos, como o simbolismo, os rituais, seu segredo,

etc.etc. está interessando, cada vez mais, não já somente o erudito e o homem da rua, sempre aberto ao que atrás das sociedades secretas se esconde, mas, também, o investigador e universitário que quer compulсар afirmações e tradições em muitos casos difíceis de manter em face de uma superficial análise crítica".

E diz, então, que a finalidade desta Bibliografia, em sua segunda edição, é oferecer um subsídio na nem sempre grata tarefa de revisão histórica.

Valério Alberton, S.J.

GROETELAARS, Martien M.: **Missa e religiosidade popular. Reflexões pastorais e missionárias.** 92 pp. 21 X 13,5 cm. Ed. Vozes Ltda., Petrópolis, 1978.

O livrinho consta de dois capítulos de desigual tamanho. O primeiro, muito breve, intitula-se "Missa de Jesus Cristo" (11-19), apresentando o "modelo original da missa" (11), com o qual deverá ser confrontada, no segundo capítulo (que ocupa o resto do livro: 20-78) a compreensão popular de missa.

O primeiro capítulo fundamenta-se na Cristologia de Schillebeeckx. As páginas sobre "a missa na teologia da Igreja" são um resumo pouco claro, e até confuso, de reminiscências de história da teologia e

controvérsias ecumênicas. À pág. 18, por exemplo, o autor parece relacionar o nome do sacramento da ordem com a afirmação de que, para a Igreja Católica, "o próprio Cristo deu 'uma ordem' de celebrar missas até o fim dos tempos aos presbíteros e bispos" (grifo meu).

Tampouco o capítulo mais longo se distingue por clareza, coerência, unidade interna. Parece uma colcha de retalhos, mais ou menos desconexos. Assim é difícil descobrir o que o autor propriamente quer. Por exemplo, no fim do trecho intitu-

2479

lado "o padre ou o celebrante da missa", o recenseador não sabia se o autor era a favor ou contra a que o padre rezasse missa, e nem sequer se esse era o assunto em pauta. A falta de discurso lógico é característica de todo o livro. Mas talvez o autor responda a essa crítica, dizendo: "... é exatamente este racionalismo que é insuportável" (p. 87, nota 57)...

Dentro das limitações à compreensão, que daí advém, parece-nos que o autor talvez tivesse querido defender a seguinte idéia: Objetivamente a vivência religiosa da missa pelo povo está longe de ser a vivência da missa de Jesus Cristo, mas o pastor/missionário deve procurar aproveitar os elementos existentes para, num diálogo de culturas, levar o povo, através de sua missa, a viver a missa de Jesus Cristo. Mas sinceramente não é difícil garantir seja essa a opinião do autor. Em

todo o caso parece ser partidário de valorizar a religiosidade popular. A inclinação talvez provenha do fato de ser holandês de nascimento, escrevendo em brasileiro. Daí provém também certas expressões como o bizarro emprego da palavra "coisa": "a coisa de Deus é a coisa do homem" (12), "um homem dedicado à coisa de Deus e da pátria" (84, nota 44), onde "coisa" traduz literalmente o holandês "zaak" (alemão: "Sache"), quando no contexto deveria ter sido traduzido por "causa".

Mérito do livrinho são alguns dados interessantes sobre a religiosidade popular (especialmente da Bahia e Nordeste), referidos por alguém que está na prática pastoral. Mérito maior ainda chamar a atenção para o abismo existente entre doutrina da Igreja e compreensão popular da fé.

F.T.

*Francisco Taborda*

BOFF, CLODOVIS, OSM, *Comunidade Eclesial Comunidade Política*, Ensaio de Eclesiologia Política, p. 197, cm 21 X 13, Ed. Vozes, Petrópolis, 1978.

Como o autor indica no subtítulo e, como adverte na apresentação, são ensaios, sem pretensão à unidade, mas que põem ao confronto com outros estudiosos reflexões que respondem à demanda dos cris-

tãos "por uma maior consistência teológica em sua práxis" e aos não-cristãos ou "pós-cristãos", interessados pelo discurso político da Igreja, os recursos da fé em relação ao processo político (p. 11).

Os ensaios articulam uma reflexão sobre quatro grandes temas, abordados a diversos níveis: A Igreja, ao nível do Conceito, da Igreja particular e das CEBS; o político, ao nível amplo do termo em correlação com a Igreja e, no plano da Igreja e Estado; a justiça na história, em relação ao capitalismo e socialismo e, ao Ensino Social da Igreja e do discernimento cristão; o pecado social, em sua dimensão religiosa e na dimensão propriamente sócio-política. Essas reflexões complementam-se com uma análise de caráter metodológico sobre o documento dos Bispos do Brasil: "Exigências cristãs de uma ordem política" (IX) e com um bosquejo informativo sobre a Teologia da Libertação (XI).

São abordagens de desigual consistência e valor, mas sempre ricas de intuições analíticas, ensejadas pelo invulgar senso crítico e erudição do autor, que valem principalmente pelos novos enfoques e ângulos explorados. Forte na metodologia e

análise crítica do teológico, o autor não parece dispor de análogo instrumental das ciências do político e especialmente, do econômico que se lhe hipostasiam; o que pode ensejar certas dissonâncias discursivas. Na análise das "Exigências cristãs de uma ordem política" (IX), a nosso ver, o autor excede-se em exigências de coerência metodológica. O método, sem dúvida, é essencial, para um discurso regrado, "educado", mas não pode ser a preocupação principal, quando se enfrenta uma "ordem política" desregrada e, porque não dizer: "mal-educada".

Os ensaios que, pela própria natureza do seu gênero exigem um ulterior confronto teórico, serão valiosa fonte de inspiração para todos aqueles que, do seu compromisso pela fé e/ou pela justiça, fazem não só uma motivação de eficácia, mas também uma questão de coerência.

Leopoldo Adami, S.J.

JEREMIAS, Joachim — "Palabras desconocidas de Jesus", p. 134, cm 14 X 21,5, Ed. Siguime, Salamanca, 1976.

Os evangelhos canônicos não recolheram todas as palavras autênticas de Jesus. Muitas delas ficaram desconhecidas até hoje. Estas palavras desconhecidas chegam agora ao co-

nhecimento dos cristãos e teólogos como fruto de recentes investigações. Estas palavras lançam uma nova luz sobre aquelas que já se conheciam por se encontrarem nos evan-

gelhos canônicos. O grande exegeta Joachim Jeremias nos apresenta nesta obra, o estado em que se encontram estas investigações e quais são estas palavras desconhecidas. Estas palavras dispersas do Senhor são importantes para o estudo dos evangelhos. Elas não tra-

zem conteúdos novos de Jesus mas ajudam a explicar e compreender melhor as palavras contidas nos evangelhos canônicos. Por isso a grande importância desta obra de Jeremias.

**Roque Junges S.J.**

**MARTINS TERRA**, João Evangelista - "Teologia Bíblica", p. 53, cm 14 X 21, Ed. Loyola, S. Paulo, 1976, série bíblica nº 1.

Martins Terra nos apresenta nesta pequena obra um resumo da definição, da história e dos grandes tratados de Teologia Bíblica. Ele define a Teologia Bíblica como a síntese doutrinária, orgânica e progressiva da revelação bíblica em torno de categorias próprias sob a luz de critérios teológicos. O primeiro capítulo é uma explicação dos termos desta definição. O segundo é uma história resumida da Teologia Bíblica. O terceiro é uma apresentação da Teologia Bíblica do Antigo Testamento: sua origem, seu método, suas

categorias fundamentais e principalmente seus autores e obras principais. O quarto apresenta a Teologia Bíblica do Novo Testamento: sua história, seus métodos e tendências, sua tarefa primária, suas questões fundamentais e conseqüências e principalmente seus autores principais e respectivas obras. Esta pequena obra dá uma visão rápida e sucinta do estado atual da Teologia bíblica. Ela continua no seguinte número desta série bíblica.

**Roque Junges S.J.**

**EICHOLZ GEORG**. *El Evangelio de Pablo: Esbozo de la Teología Paolina*. Trad. do original alemão, por Marcelino Legido, 431 pp. 13,7 X 21,5; Ed. Sigueme, Salamanca, Hespânia, 1977.

A obra distingue-se pela hermenêutica existencial que interpreta a missão de Paulo, ao

encarnar a mensagem de Cristo, em termos de testemunho da existência cristã (cap. 1-2) e

constitui a resposta ao apelo pessoal de Deus (cap. 3). Nesta perspectiva, o autor entende o evangelho de Paulo como diálogo entre o quérigma cristão e a situação inautêntica tanto dos pagãos (cap. 4), como dos judeus (cap. 5). A parte central trata das linhas fundamentais da cristologia paulina (cap. 6) e estabelece sua conexão com o batismo que insere o crente na história de Jesus Cristo (cap. 7). As implicações éticas que resultam da mensagem paulina manifestam a própria dinâmica do evangelho (cap. 8-9). Por fim, o paradoxo da infidelidade do povo eleito e da fidelidade de Deus recorda as grandes etapas da história da salvação e marca o devir da própria Igreja (cap. 10).

A obra é enriquecida com um pormenorizado índice das matérias e das citações bíblicas.

O autor, evangélico, demonstra-se muito familiarizado com os grandes teólogos paulinos, principalmente da teologia protestante, em particular com Barth, Schlatter, Bultmann. Seu pensamento desenvolve-se na linha da história da salvação e da cristologia, mas numa perspectiva querigmática pastoral. A obra bastante volumosa e bem documentada, vale sobretudo como trabalho de síntese e representa mais uma valiosa contribuição ao aprofundamento da teologia paulina.

LS.

*Ver p. 148*

PANNENBERG, Wolfhart: **Cuestiones fundamentales de Teología Sistemática** (Col. Lux Mundi 45). Tradução castelhana do original alemão por José María Mauleón e Joan Leita. 352 pp., 13,5 X 21,8 cm., Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha), 1976.

Este livro reúne dez artigos do conhecido teólogo evangélico alemão, abordando diversos temas. São eles: 1. A crise do princípio de Escritura; 2. Que é uma afirmação dogmática?; 3. Que é a verdade?; 4. Entendimento e fé; 5. A assimilação do conceito filosófico de Deus como problema dogmático na antiga teologia cristã; 6. Tipos de ateísmo e seu sentido teológico;

7. A pergunta sobre Deus; 8. O Deus da esperança; 9. Acontecer salvífico e história; 1p. Cristianismo e mito.

Todos os artigos são significativos para compreender o pensamento teológico de Pannenberg e constituem importantes contribuições aos temas tratados. Apenas à guisa de exemplo: Não se pode falar sobre a

transição do conceito bíblico de Deus para sua compreensão ulterior no cristianismo, sem referência ao artigo elencado acima sob o número 5. Os artigos 6, 7 e 8 são contribuições magníficas para a problemática hodierna sobre Deus. Os artigos 4, 9 e 10 complementam a outra obra recenseada neste número ("La revelación en la historia").

Destes artigos, os nove primeiros, juntamente com outros seis, foram reunidos no tomo "Grundfragen systematischer Theologie" (Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 1967). O

24-79  
 volume traduzido toma o prefácio desta obra, sem, adaptá-lo no entanto totalmente levando em conta as omissões feitas (p. ex.: fala de trabalhos sobre hermenêutica, quando os artigos correspondentes foram omitidos na tradução). Mas é um cochilo de menor monta. As Ediciones Sígueme merecem nossa gratidão por tornar acessíveis aos leitores de língua espanhola (e portuguesa) textos tão importantes para a reflexão teológica.

F.T.

Ver p. 153

PANNENBERG, Wolfhart – RENDTORFF, Rolf – WILCKENS, Ulrich – RENDTORFF, Trutz: **La revelación como historia** (Col. Verdad e imagen 46). Tradução castelhana do original alemão por Antonio Caparrós, 190 pp., 13,7 X 21,3 cm., Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha), 1977.

Com a tradução desta obra os leitores de língua espanhola (e portuguesa) tem enfim acesso a uma obra importantíssima que, nos anos sessenta, foi amplamente discutida nos círculos teológicos de língua alemã e constitui até hoje um ponto de referência indispensável para quem quer estudar a fundo a teologia da revelação. Foi através dessa obra – creio que se pode dizer – que se projetou no mundo teológico o então jovem teólogo sistemático evangélico, Wolfhart Pannenberg.

O livro contém uma série de quatro artigos: "As concepções de revelação no antigo Israel" (R. Rendtorff), "A compreensão da revelação na história do Cristianismo primitivo" (U. Wilckens), "Teses dogmáticas sobre a doutrina da revelação" (W. Pannenberg), "O problema da revelação no conceito de Igreja" (T. Rendtorff), além do prefácio e da introdução (ambos de Pannenberg) e do epílogo à segunda edição (o livro já está na quarta, em seu original alemão), onde Pannenberg to-

ma posição frente à discussão que a obra suscitara. De fato, ela representava uma inovação na teologia evangélica, pois a teologia da revelação aqui apre-

sentada abandonava o âmbito da "teologia da palavra".

F.T.

LUCIANI, Albino (João Paulo I, Papa): **Ilustríssimos Senhores**, trad. do ital. de Guido Piccoli e Maurício Ruffier, pp. 222; 14 X 21 cm; Ed. Loyola, São Paulo, 1979.

O autor: Albino Luciani, no exercício do seu ministério de Bispo e Card. patriarca de Veneza. Aquele mesmo que haveria de ser elevado ao trono de S. Pedro, e que assumiu o nome de João Paulo I. Pouco mais de um mês durou o seu pontificado. Mas foi o bastante para conquistar a todos os que o conheceram, como o "Papa do Sorriso". Esse livro revela justamente aquela alma cheia de simplicidade, de bondade e de alegria que se traduzia em seu perene sorriso que conquistou a todos. São 40 cartas, publicadas no "Mensagem de Santo Antônio" de Pádua, entre 1971 e 1974.

Em se tratando de um Cardeal esperaríamos de sua pena dissertações teológicas, filosóficas, tratados de moral, diretivas pastorais. Ele, porém, trata antes de tudo de problemas do cotidiano da vida do homem do povo, do homem comum, do qual ele vê em si mesmo um exemplar. Escolhe para transmitir suas mensagens e ensinamentos, um gênero literário

pouco em voga: o gênero epistolar. Seus destinatários, personagens da História Universal das letras, da política, da arte, da religião: Charles Dickens, Maria Tereza da Austria, Wolfgang Goethe, o barbeiro Fígaro da ópera homônima, Walter Scott, Hipócrates, Manzoni, Andreas Hoffer, São Lucas e o próprio Cristo, só para citar os mais importantes.

Esses personagens, no entanto, lhe servem apenas como interlocutores para discorrer sobre os temas mais variados e atuais do seu tempo (e podemos dizer também do nosso), como escola, cultura, esporte, moda, meios de comunicação, sexo, política, sindicalismo, greves, arte, fé, amor, Igreja, etc.

O estilo é leve, agil, versátil, jornalístico. O autor, um inimigo declarado do pessimismo, do derrotismo, do tédio, amigo e cultivador discreto e sábio do bom humor, da alegria iluminada pela fé, brotada do amor.

Todo esse epistolário, rico de sabedoria haurida da experiência humana e cristã, de eru-

dição literária e de extraordinário bom senso, é acessível a toda classe de leitores: jovens e velhos, letrados e menos eruditos, e útil, ameno e valioso para todos. Quem ler as primeiras

páginas, dificilmente resistirá a continuar a leitura de todas essas saborosas cartas do Papa do Sorriso.

**Bruno Rabuske S.J.**

**QUEVEDO, Oscar, G.: Curandeirismo: um mal ou um bem?**  
(coleção de Parapsicologia, vol. V), pp. 453; 14 X 21 cm.;  
Edições Loyola, São Paulo, 1976.

Eis, em breve resumo a temática tratada pelo autor neste livro esclarecedor: Desde que existem homens, existem enfermidades; umas, de origem física, outras de origem psíquica; a maioria, de origem psicossomática. Para se livrar da enfermidade, o paciente recorre a todos os meios, nem sempre aos mais racionais: talismãs, placebos, preces, fetiches, magias, adivinhações, etc... Recorre a toda espécie de seres de aquém e além-mundo, como: magos, feiticeiros, milagreiros, ervateiros, médiuns, espíritos extraterrenos, etc. Se, por um lado, o Criador permite o mal no mundo — e a doença não deixa de ser um mal universal — doutro lado colocou à disposição do homem um sem-número de recursos para aliviá-la ou vencê-la. A única "doença" incurável e fatal é a morte. Em última análise, o combate à doença, é a tentativa, por instinto de sobrevivência, de dilatar ao máximo a aproximação desse inimigo da vida.

A medicina autêntica procura descobrir a origem e a natureza do sofrimento e conseqüentemente debelar-lhe os dolorosos efeitos. Existe, todavia a falsa medicina, vulgarmente denominada de "Curandeirismo". Este não só invade o terreno da Medicina científica e legal, mas atribui-se resultados "miraculosos" que escapam à mais séria investigação científica. A prática da medicina clandestina, especialmente pelo curandeirismo, acha-se disseminada em todo o mundo. Onde, surge a pergunta: É justo condenar simplesmente o curandeirismo? Não seria mais acertado liberar e legalizar o curandeirismo? Tanto mais que hoje se tem consciência que grande parte das doenças são de natureza psíquica. Qual o papel do psiquismo nas curas reais ou imaginárias dos curandeiros e pseudo-curandeiros? Que dizer dos milagres ou "curas pela fé", apregoadas por toda espécie de curandeiros religiosos? Que di-

zer das bênçãos curadoras, utilizadas também por numerosos missionários cristãos; Qual a atitude da Igreja católica, em face curandeirismo? Qual o papel da psicologia e da parapsicologia nestes casos? E a medicina científica e legal estará devidamente aparelhada para enfrentar tanto as múltiplas moléstias de origem psicossomática, como os males provenientes da pseudo-medicina?

A leitura do livro em foco, pequena enciclopédia de fatos reais, de dados científicos e de valiosas orientações, é de grande valor e de certo modo até indispensável, entre nós, para

um esclarecimento lúcido e válido em face dos fenômenos do curandeirismo.

O autor, P. Oscar G. Quevedo, diretor do Centro Latino-Americano de Parapsicologia, de São Paulo, além deste livro e de inúmeros artigos em revistas, já publicou outros três livros igualmente recomendáveis: "As forças ocultas da mente" (2 vol.), "O que é a Parapsicologia?", "A Face oculta da mente", todos acolhidos com extraordinário interesse e com numerosas edições e traduções.

**Bruno Rabuske S.J.**

**PAOLI, ARTURO** *Caminhando se abre o caminho*, p. 246, cm 21 X 14, Ed. Loyola, São Paulo, 1979.

Temática central do livro: a fraternidade, que nos foi comunicada em Cristo, que em boa parte perdemos e que o autor intenta renovar nos cristãos. Neste sentido, o livro é fortemente interpelante.

Paoli analisa as inesgotáveis riquezas do cristianismo: a oração, a fé, a eucaristia, a vida religiosa ativa e contemplativa, o dom profético, os carismas, a mariologia e outros temas teológicos. Em todos esses temas procura provocar, questionar o leitor. Sua exclamação: "Todos nos deveríamos envergonhar

aos pés à cabeça no dia em que fôssemos confrontados com a nudez da palavra de Deus" (p. 231), poderia sintetizar seu propósito "de confrontar" através de todas as suas reflexões.

A conscientização que o autor procura promover, a partir da fraternidade, tem uma clara dimensão social. Sua contribuição orienta-se no sentido de renovar o homem, a partir de dentro: "Se queremos o mundo novo, é preciso homens novos" (p. 145). Não exclui no entanto o recurso à análise marxista da sociedade, como instrumento

crítico, considerando-o dissociável dos outros aspectos doutrinários do marxismo (p. 47).

Certos posicionamentos do autor nos parecem discutíveis e até prejudiciais à própria mensagem: Assim, desfazer os Congressos Eucarísticos, sem atentar ao que podem representar como expressão de fé coletiva; menosprezar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus que Puebla, v. gr., revaloriza explicitamente como "manifestação da piedade popular" (nº 720); condenar o culto à realeza de Cristo, fundada inequivocamente no evangelho, etc. Não são poucos também os exageros, algum tanto retóricos, sobre problemas bem complexos que exigem discernimento e não se resolvem por radicalismos unila-

terais; por exemplo, considerar como aqueles que podem mandar ao inferno "todos os responsáveis pela publicidade" (p. 147); que 95% das casas religiosas deveriam ser fechadas (p. 41); que todas as iniciativas de viverem os religiosos com o povo são sistematicamente contestadas (p. 62), traduza talvez o contexto em que vive o autor (Venezuela), mas que não pode certamente ser generalizado.

Com essas ressalvas, o livro merece ser lido e meditado e oferece uma valiosa contribuição à renovação da vida cristã e religiosa.

Jacó Melz S.J.

**FINKLER JERONIMO, Oração no deserto**, p. 120, cm 21 X 13, Ed. Loyola, S. Paulo, 1977.

Trata-se de um livro original sobre a oração pessoal há mais de quinze anos testado em "Encontros", reuniões, retiros, O Pe. Jerônimo, especializado em Teologia e Psicologia, está de parabéns pelos conteúdos apresentados e pelo objetivo que soube imprimir ao seu livro.

A oração, não há dúvida, é o "no górdio" na vida do cristão e para a acalentada renovação espiritual que, sem ela, nunca se realizará adequadamente.

Em outros tempos, a oração encontrava-se recheada de pieguismos, de entraves jurisdicistas, de inteletualismo e racionalismos a entravar o movimento do espírito no trato com Deus. O autor procura valer-se das ciências do humano, da psicologia, da sociologia e antropologia cultural, como valiosos subsídios, que auxiliam as pessoas a situarem-se e a relacionar-se com Deus, ao ní-

vel do horizonte global da existência.

No centro do relacionamento do homem com Deus, que se realiza da maneira especial na oração, porém, coloca-se a pessoa de Jesus Cristo, o homem perfeito na sua comunhão com o Pai. Ele mesmo se intitulou e se propôs como "Caminho" para o Pai. Só nele o cristão encontra, aprende e realiza a

"Oração do Coração", proposta no livro. E, destarte, o autor não se limita a divulgar mais um método de rezar, mas procura introduzir o cristão à própria "Oração de Jesus". Com o mérito, a mais, de levar à oração, orando, ou seja, "fazer fazendo", como Cristo mesmo ensinou a orar.

**Estanislaw Bieger, S.J.**

GAZELLES, Henri — DELORME, Jean — DEROUSSAUX, Louis — LE DU, Jean — MACÉ, Roger: *El lenguaje de la fe en la Escritura y en el mundo actual* (Col. Lux Mundi 43). Tradução castelhana do original francês por Alfonso Ortiz. 226 pp., 14 X 21,50 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha), 1973.

Este livro é o resultado de uma jornada de estudos de especialistas franceses em catequese e exegese para um diálogo visando maior unidade no exercício desses dois "ministérios" da Igreja. O livro conserva a forma externa da jornada. O primeiro dia está dedicado a mostrar a diferente atitude do catequista e do exegeta, o "itinerário" de ambos. Roger Macé apresenta o primeiro (13-25); Louis Derousseaux, o segundo, exemplificando-o com o estudo de Dt 6,1-25 (27-40). Segue-se a mesa redonda sobre o tema, devidamente simplificada e burilada por uma equipe responsável. No segundo

dia a preocupação foi explicitar a maneira como o catequista elabora uma linguagem de fé para hoje (exposição de Jean le Du: 61-97). Jean Delorme mostra no exemplo da ressurreição de Jesus como o exegeta procura captar a primeira elaboração da linguagem de fé (99;183). Segue-se a mesa redonda. O terceiro dia se reduz ao debate, do qual, além de exegetas e especialistas em catequese, participam dois teólogos dogmáticos. Em primeiro plano está o problema hermenêutico.

**F.T.**

PIKAZA, Xabier, *Esquema teológico de la vida religiosa*, 200 pp., 12 X 18 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1978.

O autor apresenta, na introdução de seu livro, várias formas de vida religiosa: formas extrabíblicas, formas israelitas, formas dentro da vida cristã. Em seguida analisa a crise da vida religiosa, gerada por forças provindas do exterior da vida religiosa e por forças que se encontram no seu próprio interior. Passa então a refletir sobre a essência da vida religiosa, par-

tindo do seu surgimento, entrando nas notas que lhe dariam a essência e a caracterização. Apresenta, por fim, os três conselhos evangélicos: castidade, pobreza e obediência. E termina com uma reflexão sobre o futuro da mesma vida religiosa. O autor apresenta a doutrina tradicional e clássica da vida religiosa de modo didático e atraente.

I.S.

JUNG, C.G., *Psicologia e Religião*, tradução do original alemão por Pe. Dom Mateus R. Rocha, 11 pp., 13,5 X 21 cm, Ed. Vozes, Petrópolis, 1978.

A Editora Vozes vem apresentando aos leitores brasileiros as "Obras Completas de C.G. Jung". No seu livro "Psicologia e Religião" o autor se propõe: fornecer, como ele mesmo afirma, algumas noções do modo pelo qual a Psicologia prática se defronta com o problema religioso. E pouco depois, resumindo os três capítulos do livro, diz: "O primeiro capítulo deste estudo será uma espécie de introdução ao problema da Psicologia prática e de suas relações com a religião. O segundo se ocupará de fatos que evidenciam a existência de uma função religiosa no incons-

ciente. O terceiro versará sobre o simbolismo religioso dos processos inconscientes" (pg. 8).

Este tema, observado no conteúdo principalmente de sonhos de seus clientes, prenderam a atenção e o interesse de Jung de tal forma a ocupar um lugar central nos seus escritos. Jung admite na estrutura profunda da mente humana a realidade do fenômeno religioso. Embora Jung tenha percebido a existência do fenômeno religioso no inconsciente de alguns de seus clientes, não podemos inferir desses estudos uma como que prova da existência de Deus,

como o próprio Jung afirma: "Incorreria em erro lamentável quem considerasse minhas observações como uma espécie de demonstração da existência de Deus" (p. 64). O interesse do livro reside nas descobertas

acerca do fenômeno religioso, feitas por Jung, grande pioneiro nas pesquisas da Psicologia Profunda.

LS.